

## COESÃO E COERÊNCIA NO TEXTO FALADO<sup>1</sup>

Andrea Ferreira Cavalcante CAPUTO<sup>2</sup>  
Doutoranda em Língua Portuguesa/ PUC-SP

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar os conceitos de coesão e coerência e observar como esses chamados fatores de textualidade funcionam no texto falado. Tomando por base sobretudo os estudos de Fávero (2002) e Marcuschi (2003), esse estudo analisa uma edição de um programa jornalístico veiculado em canal de TV (e disponível em internet) em que seus participantes discutem fatos da atualidade. Terão destaque trechos dessa amostra que se configuram como exemplos dos mecanismos coesivos e determinadores da coerência textual. Esse estudo permite afirmar que o texto falado, em suas particularidades, é organizado, coeso e coerente assim como o texto na modalidade escrita, a partir da qual a coesão e a coerência textual já foram incansavelmente estudadas.

**Palavras-chave:** Coesão. Coerência. Oralidade. Texto Falado.

### Considerações iniciais

O texto falado tem recebido cada vez mais atenção daqueles que se interessam pela língua. Esses estudos, no entanto, ainda não repercutem a contento entre os docentes de língua portuguesa que, geralmente, propõem a seus alunos apenas a observação do texto escrito.

A aparente desorganização ou, como se pode largamente ouvir, o caos do texto falado é mera impressão. Para alcançar a compreensão entre os interlocutores (falante e ouvinte), não há como negar a presença dos fatores de textualidade já analisados na modalidade escrita do texto. Não há compreensão e interação se não houver texto.

O presente artigo revê os conceitos de texto, texto falado, coesão e coerência para, então, proceder à análise de um texto disponível na internet, em que a interação ocorre em tempo real, por meio da fala. Trata-se do programa *Manhattan Connection*, veiculado pelo canal GNT, no qual os integrantes de uma bancada apresentam e opinam sobre fatos ocorridos no mundo.

Espera-se com esse estudo demonstrar a presença da coesão e da coerência no texto analisado, bem com contribuir para que se amplie a atenção ao texto falado e a adesão ao trabalho que o contemple como modalidade de expressão e interação.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir de estudos realizados na disciplina *Português do Brasil: constituição, norma e uso em diferentes contextos*, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leonor Lopes Fávero.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: candra264@uol.com.br

## Revedo Conceitos

Para principiar uma reflexão sobre coesão e coerência no texto falado, é necessário entender o significado de cada um desses termos.

Fávero e Koch (2005, p. 26) explicam que texto é “toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano [...] [em qualquer linguagem], isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos”.

É possível ainda entender por texto “qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão” (FÁVERO, 2002, p. 7).

Em complemento às afirmações acima, pode-se também dizer que o texto é o meio pelo qual o discurso se manifesta linguisticamente.

A concretização do discurso no texto pode ocorrer em duas modalidades diferentes: a escrita e a oral. Nenhuma delas é melhor, mas apenas construídas a partir de algumas características particulares.

Marcuschi (2001, p. 17) lembra que o homem é conhecido como um ser que fala e não que escreve, mas acrescenta: “isso não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária”. A fala, sim, é anterior à escrita e ocorre em volume maior, o que se comprova pela existência de povos que se comunicavam unicamente pela fala.

O texto falado possui três elementos fundamentais que, segundo Schegloff (apud FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2000) o particularizam: a realização (ou produção), a interação e a organização (ordem).

A organização do texto falado “é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa, ou seja, as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, entre outros” (MARCUSCHI, 2003, p. 7). Cada turno de fala (momento de fala) não pode ser tomado isoladamente, pois a construção é global.

No trecho abaixo, retirado do *corpus* que se analisa mais adiante, é possível demonstrar a afirmação do linguista pernambucano.

L1- Você não anda de gôndola, é claro.

L2- Não passeio de gôndola. Eu pego a gôndola pra atravessar o canal, só.

Os interlocutores (L1 e L2) conseguem interagir, entendendo-se, porque fazem uso do mesmo código linguístico (a língua portuguesa) e apresentam conhecimentos comuns. Falam, nesse trecho, sobre a gôndola, um meio de transporte cotidiano na cidade de Veneza, na Itália, também muito utilizado pelos turistas que visitam o local. A palavra gôndola pode não ser conhecida de todos os brasileiros, porque não faz parte da realidade desse povo. No entanto, L1 e L2 não só conhecem o significado do termo como a diferença de preço quando a gôndola é utilizada para o transporte rotineiro ou para um passeio.

Outro exemplo, uma tirinha que simula a manifestação oral entre dois indivíduos, também ajuda a compreender a reflexão de Marcuschi.

Antes de tratar do texto falado na tira, importa justificar a opção por esse exemplo. É evidente nesse texto a intenção do autor de construir sua história com base no modo de falar dos personagens. Sendo assim, apesar de o exemplo ser um texto multimodal que apresenta o texto na modalidade escrita, nesse caso, trata-se de transcrição do registro oral.



Imagem 1

Na imagem 1, o conhecimento partilhado da variante linguística é preponderante para o entendimento entre os personagens. “Firme” não é o costumeiro cumprimento (tudo bem?; tudo em cima?), mas a palavra filme em que o falante (L1) realiza o som de /l/ de forma diversa da variante padrão. Isso se confirma na resposta de L2, pelo modo como pronuncia a palavra futebol, repetindo a realização anterior para o som de /l/. Ainda é possível afirmar que a tirinha provoca o riso somente daqueles que percebem a brincadeira com a variante popular. Comprova-se dessa forma a ligação que Marcuschi indica entre a decisão interpretativa dos interlocutores e o conhecimento mútuo (linguístico, de mundo, cultural etc).

Já apresentados os conceitos de texto e texto falado, antes de seguir, é preciso apresentar os fatores de textualidade, os quais concorrem para que o texto funcione, para que

seja entendido. Destacam-se aqui oito fatores de textualidade: coesão, coerência, contextualização, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade.

Segue-se uma breve explicação sobre cada um, à exceção de coesão e coerência, fatores que serão tratados adiante com mais detalhes:

- a) Contextualização – trata-se da inserção do texto em uma determinada situação.
- b) Intencionalidade – é o objetivo do texto.
- c) Informatividade – é a quantidade de informação necessária para a compreensão de um texto.
- d) Aceitabilidade – é o fator relacionado à cooperação entre os interlocutores; a informação está sendo considerada?
- e) Situacionalidade – é a adaptação do texto a uma situação comunicativa.
- f) Intertextualidade – é a relação de um texto com outro(s), com o(s) qual(is) conversa.

Esses cinco últimos fatores, relacionados ao uso (pragmática), são entendidos por Koch e Travaglia (1991) como essenciais na construção da coerência textual.

Passa-se agora para a apresentação dos conceitos de coesão e coerência, fatores que orientam a análise proposta.

### **Coesão**

Para Koch (1991, p. 19), “todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” são recursos de coesão textual.

Na charge a seguir (imagem 2), um exemplo desse tipo de recurso é o termo ‘mais’ (variante popular da conjunção mas). Ela introduz uma ideia oposta a outra, anteriormente dada. Outro exemplo desse processo de sequencialização pode ser verificado no uso do pronome pessoal do caso reto ela, referindo-se à palavra estrada, e a elipse do sujeito da locução verbal “vai fazê”, que também recupera estrada.



Imagem 2

Considerando a construção dos interlocutores, é possível verificar que, para responder à L1, L2 fala sobre a estrada afirmando que, caso seja removida, a estrada fará falta.

Em tempo, assim como no exemplo anterior, justifica-se a escolha dessa amostra, mais uma vez, pela evidente opção do autor por criar uma história a partir da transcrição da manifestação oral dos personagens.

Fávero (2002) identifica três tipos de coesão textual:

a) Coesão referencial

Trata-se do uso de palavras ou expressões que substituirão outro termo ou expressão. Não há na referência um sentido próprio, mas uma indicação a alguma coisa que auxiliará na interpretação. Caracteriza-se esse tipo de coesão por não proporcionar uma evolução na informação, mas uma reiteração.

Quando, no encaminhamento de um texto, o nome Pelé é substituído pela expressão rei do futebol, verifica-se o recurso da coesão referencial.

b) Coesão recorrencial

É a estratégia de retomada de uma estrutura já utilizada no texto, porém, com a renovação da informação. Fávero (2002, p. 28) exemplifica esse tipo de coesão com trechos do poema de Álvaro de Campos, *Ode Triunfal*.

*Eia! Eia! Eia!*

*Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!*

*Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do inconsciente!*

A repetição do termo eia, invocando elementos diversos que compõem a modernidade anunciada pelo heterônimo de Fernando Pessoa, traz um efeito de reforço e desperta a atenção de quem ouve, em decorrência ritmo crescente que a repetição e renovação de conteúdo constroem.

c) Coesão sequencial

É o recurso coesivo que proporciona a progressão do texto a partir da construção de uma sequência temporal, do uso de conectivos (operadores) lógicos, discursivos ou ainda pelo recurso da pausa.

O poema Circuito Fechado, de Ricardo Ramos, pode exemplificar a sequência temporal, como se vê no trecho reproduzido a seguir.

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, telefone, agenda, copo com lápis, caneta, blocos de notas, espátula, pastas, caixa de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. [...]

Nesse texto, a sequência de substantivos permite construir a rotina de um indivíduo logo que acorda e sua organização até sair de casa. Não há elementos que liguem os substantivos, mas a apresentação dos substantivos em ordem cronológica contribui para a compreensão.

**Coerência**

A coerência textual “resulta de processos cognitivos operantes entre os usuários” (FÁVERO, 2002, p. 10). Nas palavras de Koch e Travaglia (1991, p. 32), trata-se do

princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários de recuperar o sentido do texto pelo qual interagem [...]. A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução comunicativa, que determina não só a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também, com frequência, qual sentido se estabelece.

Pela coerência se constrói o sentido de um texto. Para isso, é necessário considerar os elementos linguísticos, o conhecimento de mundo daqueles que interagem e os fatores pragmáticos e interacionais.

Fávero (2002, p. 63) apresenta os modelos cognitivos globais, “blocos de conhecimentos intensamente utilizados no processo de comunicação [...] representam de forma organizada nosso conhecimento prévio armazenado na memória”. Esses modelos são:

a) Frames

Quadros compostos de ideias comuns acerca de um conceito básico. Normalmente, são construídos a partir de estereótipos.

b) Esquemas

Modelos de eventos organizados mentalmente em uma sequência cronológica.

c) Planos

Modelos organizados, assim como os esquemas, mas que trazem indicações da intenção de quem o produz.

d) Scripts

Planos de conhecimento comum que permitem entender o papel dos participantes e suas ações.

e) Cenários

Os contextos e situações que se constroem para a garantia da interpretação do texto.

### **Coesão e Coerência no Texto Falado**

Aqui, enfim, deve-se apresentar o funcionamento da coesão e da coerência na conversação, a partir da reflexão e análise do corpus selecionado.

A amostra escolhida é uma edição do programa *Manhattan Connection* exibida no ano de 1995. Estavam então na bancada os jornalistas Lucas Mendes (apresentador principal), Caio Blinder e Paulo Francis (apresentadores fixos do programa). Na ocasião, entrevistavam Diogo Mainardi.

Esse programa foi escolhido devido à presença de diálogos naturais, mesmo que seja construído a partir de sequências (pautas) definidas e obrigatórias. Também foi selecionado porque os participantes fazem uso da norma culta urbana. Pretendia-se aqui repetir a variante linguística selecionada pelo projeto NURC para estudos da conversação.

Em Marcuschi (2003, p. 75), pode-se ler que a conversação “é organizada por estratégias de formação e coordenação. O problema, no entanto, é a natureza do funcionamento desta coordenação, que se dá cooperativamente e não por decisão unilateral”. Assim, é necessário considerar que a coesão e a coerência no texto falado estarão concretizadas ao longo das diversas falas que compõem uma conversação, como já se afirmou anteriormente. As repetições, confirmações, mudanças, quebras e reorientações são comuns no texto falado e auxiliam na construção do sentido. Essas características já estão evidenciadas no trecho inicial do programa, que está transcrito a seguir:

LM- Diogo::, muito obrigado! Um prazer ter você aqui.

DM- Eu agradeço::

LM- [ Cê ouviu aquela equação do:: sonho americano (1)

DM- [ hãhã ] (2)

A sequência de manifestações do apresentador e do entrevistado (respectivamente, Lucas Mendes e Diogo Mainardi) permite verificar a fala sobreposta (1) e a cooperação ao longo da conversa, uma vez que Diogo Mainardi sinaliza entender o que seu interlocutor diz sobre o sonho americano com um hãhã (2).

Além das características do texto falado, é importante tratar dos fatores que aqui interessam, a coesão e a coerência.

Entre os tipos de coesão, Fávero (2002) destaca na conversação: a coesão referencial por auto e por heterorrepetição; a coesão recorrencial por paráfrase e a coesão sequencial por conexão, por serem mais frequentes.



a) Coesão referencial por auto e por heterorrepetição

O termo de referência é repetido pelos interlocutores, a saber: auto – pelo mesmo falante; hetero – por outro falante diferente daquele que utilizou a referência pela primeira vez.

Logo no início do programa, é possível identificar esse tipo de coesão.

DM- Eh... e não há nada pra fazer. Quer dizer, não há como gastar (1) dinheiro. Não há o que fazer e não há em que gastar. (1)

LM- Você não anda de gôndola (2), é claro.

DM- Não passeio de gôndola (2). Eu pego a gôndola pra atravessar o canal, só.

Em (1) ocorre uma autorrepetição. Diogo Mainardi fala dos gastos para viver em Veneza e relata que não há nada em que gastar naquela cidade. Reforça essa ideia repetindo que em Veneza não há como gastar dinheiro.

Para dar sequência à conversa, Lucas Mendes faz uma afirmação que funciona como uma pergunta e Mainardi responde repetindo seu interlocutor (2). O andar de gôndola a que se refere Mendes significa o mesmo que afirma Mainardi (passear de gôndola), mas o entrevistado repete a frase alterando o verbo para reforçar que utiliza a gôndola apenas como meio de transporte diário e não para diversão, como o fazem os turistas. Eis um exemplo de coesão referencial por heterorrepetição.

Ainda como exemplo da reiteração por auto e heterorrepetição, vale um trecho em que os jornalistas discutem a relação salário – custo de vida.

LM- (...) por mês é um bom salário?

CB- Muito dinheiro. Muito dinheiro. Muito dinheiro.

DM- É muito dinheiro. Muito, muito dinheiro. Nun::ca vou ganhar isso na minha vida.

Lucas Mendes sugere um valor alto como salário e os componentes da mesa (Caio Blinder e Diogo Mainardi, a quem Mendes dirige a pergunta) manifestam-se observando que aquela quantia é muito alta. Nesse caso, nas falas de Blinder e Mainardi há auto e heterorrepetição que enfatizam o absurdo da sugestão de Lucas Mendes.

b) Coesão Recorrencial por Paráfrase

A paráfrase está presente em uma fala de Diogo Mainardi e permite verificar a construção mental de seu texto. Observa-se essa recorrência pela reformulação do termo argumento por assunto, quando o jornalista comenta uma entrevista com os atores de Apolo XIII na ocasião da estreia do filme.

DM- Eu vi 5 entrevistas só com os protagonistas desse filme. Nas cinco entrevistas com o diretor e com os dois protagonistas: eh o Tom Hanks e o Kevin Bacon se chama. Nas cinco entrevistas, ele **o único argumento** que eles tocaram é quantas vezes eles vomitaram fazendo as cenas de gravidade zero. Eh é **o único assunto** de interesse nas entrevistas e, acho pouco, esse filme tem alguma coisa a mais, eles eles deviam encontrar algum **outro argumento**. É só vômito.

Mainardi escolhe primeiramente o termo argumento, substitui por assunto e, no fechamento de sua exposição, recorre mais uma vez à primeira escolha. Essa repetição auxilia Mainardi na ênfase que pretende dar à sua crítica quanto aos comentários dos atores de Apolo XIII em coletiva para a imprensa.

c) Coesão Sequencial por Conexão

Importante como instrumento de construção do enunciado, a coesão sequencial é verificada na amostra. Localiza-se em uma fala de Paulo Francis (exemplo 1), pelo uso de um recurso conectivo (que é), e em um diálogo entre Lucas Mendes e Diogo Mainardi (exemplo 2), quando esse utiliza o termo senão e Mendes, por sua vez, faz uso de mas.

Exemplo 1

PF- Eu gostaria de ter uma conversa a sós:: com Alan Greenspan que é o:: presidente do Banco Central Americano.  
(...)

Exemplo 2

LM- Existe confrontação entre num numa entrevista  
DM- [Deve haver. Deve haver senão é *press release* eh/  
LM- [Deve haver  
LM- ahn "mas mesmo como escritor" você entrevistando o::  
DM- eh [ Eu sou um péssimo

entrevistador:: eh normalmente:: o:: eu entrevistei o Paulo Francis, entrevistei Gore  
DM- Vidal [ eh  
LM-

No exemplo 1, para construir sua fala, Francis usa a expressão que é, pela qual recupera o nome Alan Greenspan, explicando ser ele o presidente do Banco Central Americano. No exemplo 2, nas falas de Mainardi e Mendes há conectivos (senão e mai), mecanismos coesivos que fazem a ligação entre uma ideia anterior e uma que se apresenta na sequência. A palavra *senão* acompanha a ideia de condição (a condição para a entrevista não ser *press release* é a existência do confronto). O conectivo *mai* (mas), por sua vez, introduz uma informação contrária à anterior (Mainardi afirma ser necessário o confronto na entrevista, Mendes entende que um escritor, como Mainardi é, não necessita dessa estratégia ao entrevistar outro escritor).

Após o destaque de alguns exemplos dos recursos coesivos, faz-se necessário ainda demonstrar como se constrói a coerência na amostra analisada.

No trabalho com o texto falado, ganha destaque o conceito de tópico discursivo, “aquilo acerca do que se está falando” (Brown & Yule apud Fávero, 2002, p. 93). A atenção ao tópico discursivo contribui para a observação da coerência na conversação pois na modalidade oral a coerência ocorre a partir da relação entre os referentes.

O tópico discursivo possui as seguintes propriedades: centração (foco em um dado conteúdo/assunto), organicidade (como os tópicos se seguem) e delimitação local (a abertura e fechamento de um tópico e a passagem ao seguinte).

No caso da conversação analisada, verificou-se:

- a) Centração → conteúdo comentado por todos (ex. Nasa e o filme de Tom Hanks)
- b) Organicidade → assuntos tratados
  - A) custo de vida / salário
  - B) Programa Espacial (viagens para o espaço)
    - I- “missão” / gastos
    - II- NASA
    - III- filme do Tom Hanks (Apolo XIII) e outros sobre o tema
  - C) Caso – Hugh Grant (conexão / nave)
    - I- O que os brasileiros solteiros faziam

II- Quem “você” entrevistaria

III- A importância da entrevista

D) O que é necessário para uma entrevista

- comentários sobre a entrevista de Mainardi com Paulo Coelho

c) Delimitação local → por exemplo, a pergunta acerca da necessidade de confrontação em uma entrevista encerra um tópico para abrir um novo.

Pensando nos trechos já apresentados do programa, percebe-se a relação temática construída na interação entre os apresentadores e o entrevistado, por exemplo, nas reflexões que trataram do custo de vida em Veneza e no papel do entrevistador. Recuperando a afirmação de Fávero (2002), essa relação temática comprova a coerência no texto falado.

A digressão é outro recurso de coerência em um texto falado. O falante interrompe sua fala ou a de seu interlocutor para relembrar um fato gravado na memória. Logo após, ele ou o interlocutor retoma o fio da conversa.

PF- Eu fiquei lá como um idiota vendo vendo ( ) vendo transmissão. Tava no Brasil ainda, morava no Brasil.

Paulo Francis faz uso da digressão quando passa a recordar o período em que morava no Brasil.

### **Considerações Finais**

O estudo da coesão e da coerência no texto falado não é comum para muitos professores de língua portuguesa. No trabalho aqui realizado, ficou claro que, apesar de suas particularidades, o texto falado é tão complexo e organizado quanto o texto escrito. Os fatores de textualidade também devem estar presentes na conversação ou então não há texto. As definições de Marcuschi (2003), Fávero (2002) e outros especialistas do texto conversacional mostraram-se presentes no corpus analisado.

Se no texto escrito a colaboração é distante, no falado a intervenção é constante e o auxílio entre os interlocutores é imprescindível para a ampliação do conteúdo e para a efetiva interação e entendimento.

Já é tempo de o professor de língua portuguesa esquecer a falsa noção de que o texto falado é caótico e desorganizado. A dinamicidade dessa modalidade não deve barrar o trabalho com esse material em sala de aula. Se, como afirma Marcuschi (2003), as sociedades fazem uso muito mais do texto falado do que do escrito, a reflexão sobre os textos conversacionais só reforçará o aprendizado da língua.

## REFERÊNCIAS

- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- FÁVERO, L. L. & KOCH, I. G. V. *Linguística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 2005.
- FÁVERO, ANDRADE & AQUINO. *Oralidade e Escrita*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Texto e coerência*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- Programa *Manhattan Connection* - <https://www.youtube.com/watch?v=KbXEzZ1XZ24>. Acesso em 20/04/2015.
- Imagem 1 - <http://sorisomail.com/partilha/203706.html> Acesso em 19/04/2015.
- Imagem 2 - <http://humortadela.bol.uol.com.br/charges/33888>. Acesso em 19/04/2015.

## COHESION AND COHERENCE IN SPOKEN TEXT

### ABSTRACT

The present paper aims at presenting cohesion and coherence concepts and observing how these factors of a text presents in the spoken text. Having as a theoretical ground, mainly, the studies developed by Fávero (2002) and Marcuschi (2003), an edition of a TV journalistic program where the participants discuss current events will be analyzed. It will be highlighted excerpts from the sample which act as examples of cohesive mechanisms and determiners of textual coherence. This study allows us to affirm that the text spoken, in its particular features, is organized, cohesive and coherent as writing mode, from which these concepts have been tirelessly studied.

**Key words:** Cohesion. Coherence. Orality. Spoken Text.

**Envio: outubro/2017**  
**Aceito para publicação: agosto/2018**

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267